

NAIARA DOS SANTOS DAMAS RIBEIRO

Johan Huizinga e a crítica da cultura contemporânea: um estudo historiográfico.

Monografia elaborada como pré-requisito para a obtenção de grau de bacharel em História pela Universidade Federal do Paraná sob a orientação do professor Dr. Cássio da Silva Fernandes

À memória de Joaquim Damas Ribeiro
pela força, honestidade e doçura. Ainda
sinto o cheiro de jasmim em todos os
passos que dou na minha vida.

1 INTRODUÇÃO

Trabalhando com o tema Johan Huizinga (1872-1945) e cultura contemporânea, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a natureza dos discursos deste historiador a respeito de seu próprio tempo. A partir de um olhar crítico e privilegiado, o olhar de um historiador que domina as relações entre presente e passado, Huizinga tratou das questões referentes a um mundo que ele acreditava a beira de um colapso. Esse olhar também portava outras especificidades: era o olhar de um historiador da cultura ligado à tradição de Jacob Burckhardt (1818-1897), o olhar de um cidadão de “pequeno Estado”, a Holanda, o olhar de um intelectual que se reconhecia como um “europeu”, e, entre outras coisas, o olhar de um homem que vive na iminência de um conflito mundial – o contexto em que se dá a produção das obras selecionadas como fonte deste trabalho de 1926 a 1945 – e que quando por fim essas ameaças se materializam é perseguido e acaba morto pelas circunstâncias da guerra.

Para construir uma análise em torno da problemática anunciada acima, compreender os escritos críticos de Huizinga sobre o seu próprio tempo, elegeu-se como fontes o texto *Espírito norte-americano* (1926)¹ e os livros *Nas sombras do amanhã: um diagnóstico da enfermidade espiritual do nosso tempo* (1935)² e *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura* (1935)³.

A partir de um enfoque que se insere no campo de estudos historiográficos pretende-se englobar, além desses textos citados como fonte, toda a obra de Huizinga para assim perceber como se configurou a sua metamorfose de um historiador cultural da Baixa Idade Média para um crítico ácido e contundente do mundo contemporâneo. Inflexão esta que foi motivada pelo seu choque ao se deparar com uma realidade muito aquém do que seria, para ele, os padrões de um mundo civilizado. E perceber a reação deste historiador a esse contexto de profunda instabilidade – estamos falando do contexto em que se dá um conflito de âmbito mundial – é o grande objetivo dessa pesquisa.

A forma como essa presente pesquisa foi construída é fruto do esforço de se tentar perceber como se deu a inflexão na trajetória intelectual de Johan Huizinga. Assim sendo este trabalho se divide em dois capítulos. O primeiro capítulo pretende explorar a trajetória deste

¹ Huizinga, J. *Espírito norte-americano*. IN: _____ **El concepto de la historia y otros ensayos**. México: Fondo de cultura económica, 1992.

² _____. **Nas sombras do amanhã: um diagnóstico da enfermidade espiritual do nosso tempo**. Coimbra: Armênico Amado, 1944.

historiador, sua formação e seu percurso até se converter em um historiador, até o ponto em que Huizinga torna-se mais sensível às questões do seu próprio tempo.

O segundo capítulo pretende compreender a forma como Huizinga construiu o seu discurso sobre a cultura contemporânea. Nesse ponto a sua experiência nos Estados Unidos mostra-se de uma especial relevância, na medida em que é a partir dela que o aspecto moral antes diluído nas interpretações históricas de Huizinga passa a ocupar o centro de suas análises sobre o seu próprio tempo. Depois da fundamentação de que há uma mudança na trajetória de Huizinga, a presente pesquisa, debruçou-se sobre os dois livros que efetivamente marcam o seu esforço de compreensão e análise, sempre numa perspectiva histórica, da realidade que lhe era contemporânea. Esses livros são *Nas Sombras do Amanhã* e *Homo Ludens*. A partir da análise desses livros torna-se possível então perceber a mudança de perspectiva deste historiador e mais do que isso, perceber como esses textos fazem parte da tentativa deste intelectual de chamar à razão um mundo que ele acreditava tê-la perdido.

³ _____. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5. ed., s/d.

1. JOHAN HUIZINGA: UMA PEQUENA APRESENTAÇÃO

Johan Huizinga nasceu em Groningen, na Holanda, no ano de 1872. Filho de Dirk Huizinga, um professor de fisiologia, e Jacoba Tonkens, sua formação pessoal foi marcada pela influência de preceitos cristãos. Sua família fazia parte de uma extensa linha de anabatistas e isso pode ser atestado pela opção de seu pai por entrar num seminário. Opção essa que não foi levada a termo por questões de consciência, mas que esteve presente na forma como ele havia escolhido educar seus filhos. Esses preceitos cristão, como argumenta Werner Kaegi, que estiveram presentes na formação de Huizinga, o dotaram de uma certa sensibilidade para captar o que acontece no interior de si e dos outros. Essa sensibilidade para perceber essa “voz interior”, para prestar atenção aos sentimentos que são inerentes à condição humana, esteve presente no desenvolvimento de seu engenho histórico. Esse elemento religioso, que se torna mais presente em sua maturidade, também esteve presente na forma como Huizinga compreendeu a cultura de seu tempo e como ele apreendeu a experiência de estar vivendo num mundo que ele acreditava em colapso.⁴

Seus primeiros estudos deram-se no Ginásio municipal da cidade de Groningen. No ano de 1891 ele ingressou na Universidade desta mesma cidade, começando seus estudos em línguas indo-germânicas. Nesses primeiros momentos não era o estudo da história que lhe provocava paixão, mas sim, as formas lingüísticas. E foram elas que o levaram, através de suas formas e de suas mudanças, a se aproximar da história, mas nesse momento sempre de uma forma secundária. Esse mesmo interesse, que mais tarde se transformou em cultivo da lingüística comparada, o levou ao estudo das “culturas primitivas”. Huizinga mesmo confessa que a *Cultura primitiva* de Taylor, nesse primeiro momento de sua trajetória, teve uma importância significativa na sua formação. E mesmo em seu livro de 1938, *Homo Ludens*, é possível, segundo alguns estudiosos da obra huizinguiana, perceber a presença de certos elementos desse livro de Taylor.⁵

Foram os interesses lingüísticos que o atraíram e o conduziram à Alemanha, durante um semestre, ao círculo dos jovens gramáticos de Leipzig. Huizinga, então, estudou lingüística na Universidade de Leipzig, onde escreveu sua tese sobre as línguas indo-germânicas. Contudo, de volta à Holanda, o trabalho com o qual este jovem holandês

⁴ KAEGI, W. L'opera storica di Johan Huizinga. IN: _____. *Meditazioni storiche*. Bari: Editori Laterza, 1960. p.318.

⁵ Ibid., p. 320

terminou enfim seu estudo universitário, no ano de 1897, não tratava do objeto, muito extenso, que havia encontrado em Leipzig, mas de uma questão mais específica da História da Literatura Indiana: o conceito de cômico em um personagem do teatro indiano.

Nos anos seguintes, Huizinga trabalhou como professor na Escola Cívica Superior de Haarlem. Foi nesse momento que a História, que até então tinha ocupado um papel secundário em sua trajetória, passou à frente diante da necessidade de tornar compreensível a história pátria aos jovens e crianças que eram seus alunos. Diante dessa necessidade, Huizinga teve que ampliar e ordenar os seus conhecimentos e se aproximou, durante esses anos de docência, da história ocidental. Mas até então a escolha pela disciplina histórica não tinha se tornado óbvia para Huizinga. Esse era um processo ainda em andamento no qual intervieram algumas experiências e circunstâncias externas.

Uma dessas ocasiões externas que despertaram sua consciência de uma vocação histórica foi a exposição de arte holandesa em Bruges, no verão de 1902, onde se destacavam as obras dos irmãos Van Eyck. Em companhia do seu amigo André Jolles, naquele momento estudante de arqueologia e história da arte, Huizinga experimentou um sentimento de admiração. Algumas cartas daquele ano, trocadas entre os dois amigos, mostram o impacto dessa experiência e o decorrente interesse em acompanhar o vivaz debate científico produzido sucessivamente em torno aos Van Eyck. A atribuição a estes pintores de algumas miniaturas das *Heures de Turin*, a tentativa de datação das suas atividades e a pecha de “realistas” havia inspirado Huizinga a afirmar que essas discussões deveriam sempre começar pela história.⁶

Mais uma coisa deve ser dita sobre esse momento de formação de Huizinga. Ele se desenrolou num momento de radical renovação da vida literária e artística da Holanda, no âmbito do denominado “movimento de 1880”. Esse movimento foi marcado pela influência da literatura francesa recente, pelos preceitos artísticos do impressionismo e, num segundo momento, pelas idéias socialistas. Huizinga participou desse movimento de forma participativa, porém crítica, e pode-se perceber a influência duradoura que ele exerceu sobre esse historiador na medida em que marcaram de forma duradoura suas escolhas estéticas. Para além dessa questão estética, a literatura então em voga também exerceu sua influência sobre Huizinga, principalmente no que diz respeito ao gosto literário em torno do Medievo. Foi

⁶ BOER, W. de. Prefazione all'edizione italiana. IN: HUIZINGA, J. **Le immagini della storia**. Torino: Giulio Einaudi editore, 1993. p. XXV-XXVI.

nesse momento, também, que Huizinga travou contato com a obra de Jacob Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália*⁷, o que despertou seu interesse pelo Renascimento.⁸

Já em 1905, Huizinga assume a cátedra de História na Universidade de Groningen. Essa nomeação marcou definitivamente a conversão deste jovem intelectual holandês interessado em questões lingüísticas em historiador. Ele iniciou sua docência nesta Universidade, como narra Boer, com uma aula inaugural em que sublinhou a importância dos testemunhos figurativos na pesquisa histórica e a hipótese de considerar os fenômenos do passado como “imagens”. A prática do seu ensinamento imediatamente sucessivo a esta aula inaugural demonstra que entre as noções capitais da história da cultura a que mais lhe interessava era, sobretudo, o conceito de Renascimento.

Depois da morte de sua primeira esposa, Mary Vincentia Schorer (1877-1914), ele se muda de Groningen para Leiden, onde é indicado, em 1915, para assumir o cargo de professor de História Geral e geografia histórica nesta mesma universidade. Naquele momento a Universidade de Leiden era a principal instituição de altos estudos dos Países Baixos. Ele assegurou esta posição até 1942, quando a Universidade foi fechada pelas autoridades de ocupação da Alemanha nazista.⁹

Do ano de 1916 a 1932, Huizinga foi editor do periódico *De Gids*. Em 1918, publicou um estudo sobre as características nacionais dos Estados Unidos, intitulado: *Mensch en menigte in América*. Somente oito anos depois dessa publicação, em 1926, é que Huizinga parte em viagem para os Estados Unidos tendo como intento ampliar seus conhecimentos sobre a cultura norte-americana que ele reconhecia ser essencialmente diferente da sua cultura européia.

Em 1919, lançou o livro *Herfsttij der Middeleeuwen*, que teve seu título traduzido para o português como “O Declínio da Idade Média”. Esse livro foi um desdobramento das reflexões de Huizinga sobre o Renascimento e sobre a arte dos Irmãos Van Eyck. O anseio desse historiador de tratar esse período histórico em sua especificidade cultural, o levou a se debruçar sobre as expressões culturais desse período. Este trabalho centrava-se nos séculos XIV e XV na região da Borgonha, França.

⁷ BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁸ BOER, W. Op. cit., p. XXVIII.

⁹ HOSELITZ, B.F. Introdução. IN: HUIZINGA, J. **Men and Ideas: History, the Middle Ages, the Renaissance**. Nova York: Meridian Books, Inc., 1959.

O ano de 1924 é o ano de publicação do livro *Erasmus*. Este livro constitui-se numa biografia sobre o humanista Erasmo de Rotterdam e, de forma mais abrangente, um quadro da cultura europeia central no século XVI. A aproximação de Huizinga com a figura de Erasmo pode ser relacionada ao interesse desse autor pela filologia. Nesse livro, Erasmo é analisado em sua personalidade heterogênea e é o fio condutor para compreender como se dá o que Huizinga no final de seu livro *O Declínio da Idade Média* chama de “viragem da maré”. Como a cultura “saturada” da Idade Média transforma-se a partir da ação dos humanistas em um dado novo em que o retorno às fontes da antiguidade e a busca de uma fé renovada tornou-se uma prioridade cultural nos círculos eruditos do século XVI.

A viagem de Huizinga para os Estados Unidos, em 1926, pode ser considerada um divisor de águas na sua trajetória intelectual. De historiador da cultura que tinha seu interesse voltado para o passado e suas expressões artísticas, Huizinga converte-se em um crítico de seu tempo. É nesse sentido que essa viagem tem uma conotação especial, por dividir a obra deste autor em dois momentos. Neste mesmo ano ele escreve *Amerika Levend en Denkend*, no qual demonstra seu descontentamento com os rumos da cultura ocidental e critica a sociologia e a psicologia nos Estados Unidos que compreendiam a arte e a religião como formas de escapismo.

Sobretudo na década de 30 é que se pode observar a maturação de Huizinga como crítico da cultura contemporânea. Claro que há a permanência do historiador da cultura preocupado em revelar as características essenciais de uma época e as relações entre o indivíduo e a história. Contudo, depois de sua viagem aos Estados Unidos há uma reelaboração das suas problemáticas que passam a tratar da “crise da cultura ocidental”. Huizinga atribui as causas dessa crise a uma cultura de massas emergente e tenta buscar, através de seus estudos, os valores tradicionais da cultura europeia.

É nesse contexto que surgem os livros: *In de schaduwen van morgen*, traduzido para o português como *Nas sombras do amanhã*¹⁰, no ano de 1935 e o livro *Homo Ludens*¹¹ publicado em 1938. E ainda o livro lançado em 1948, portanto póstumo, pelo amigo de Huizinga, Werner Kaegi, intitulado em português como “Quando falam as armas”.

No fim de 1933, Huizinga entrou em rota de colisão com o Nazismo, discordando em relação à sua cultura e sensibilidade. A forma como o nacional-socialismo de Hitler havia se apropriado da cultura e se tornado sua tutora e provedora, havia suscitado nesse historiador

¹⁰ HUIZINGA, J. *Nas sombras do amanhã...* Op. cit.

¹¹ _____. *Homo Ludens...* Op.cit.

uma sensação de desconforto. Nesse momento de preocupação com os rumos da Europa, e da própria sobrevivência da Holanda, a Universidade de Leiden e a cátedra de História ocupada por Huizinga, tornaram-se símbolo de independência e de espírito de nacionalidade. Tanto que no de 1940, em ocasião do aniversário da fundação da antiga instituição universitária de Leiden, este historiador encabeçou a celebração desse evento com um tom de exaltação da liberdade, apenas momentaneamente perdida, mas a recuperar-se a todo custo, repelindo a ditadura que sufocava o Estado holandês.¹²

Em 1941, Huizinga proferiu um discurso criticando a influência da Alemanha na ciência holandesa e sofreu a perseguição das forças de ocupação alemã na Holanda. Neste mesmo ano ele foi detido pelos nazistas e aprisionado no campo de concentração de St. Michielsgestel. Huizinga tinha então setenta anos, sofrendo de problemas de visão e com a saúde já muito debilitada. Mesmo quando foi libertado em 1942, ele acabou sendo obrigado a permanecer em De Steeg em Gerderland. Huizinga morreu em detenção no dia primeiro de fevereiro de 1945, apenas poucos meses antes do final da Segunda Guerra. As narrativas de seus amigos em torno de seus últimos dias mostram como Huizinga permaneceu convicto de suas ações e como ele se manteve firme e tranqüilo diante de um fechamento que dia a após dia parecia mais próximo. Talvez porque Huizinga tivesse a convicção de que o seu caminho pela história havia sido cumprido e de que todos os seus esforços como intelectual e homem público, haviam se dirigido para a construção de uma cultura mais aprimorada, renovada na fé de que o homem deve querer para si uma vida de beleza voltada mais para a morte do que para a vida.

2 O OUTONO DA IDADE MÉDIA: A BELEZA DAS FORMAS

Em 1919, como já foi exposto anteriormente, Johan Huizinga lançou na Holanda a obra que lhe havia de tornar famoso nos círculos intelectuais e mesmo fora deles. Sob o título que pode ser melhor traduzido como “O Outono da Idade Média” – ao contrário da tradução brasileira e inglesa que traduzem o termo holandês *Herfsttij* como “declínio” – este historiador lançou-se na tarefa de compreender o “espírito” da tardo Idade Média por meio dos testemunhos artísticos. O seu ponto de partida, como está colocado na Introdução desse

¹² GATTO, L. Johan Huizinga e o seu “Outono da Idade Média”. IN: HUIZINGA, J. *L’Autunno del Medioevo*. Roma: Grandi Tascabali Economici Newton, s/d.

livro, era compreender a arte dos irmãos Van Eyck e de seus contemporâneos considerando-os em relação com o todo de vida da época:

A presente obra trata da história dos séculos XIV e XV encarados como período de termo, de fecho da Idade Média. Tal visão destes séculos apresentou-se ao autor desse volume quando procurava chegar a uma compreensão genuína da arte dos irmãos Van Eyck e dos seus contemporâneos, quer dizer, apreender o significado considerando-a em relação a um todo de vida da época.¹³

Huizinga ainda continua argumentando que as manifestações artísticas desse período estavam mais ligadas aos elos do passado do que aos germes do futuro. De alguma forma, este historiador estava se posicionando num debate já existente sobre qual seria a definição mais acertada da obra de alguns pintores do século XIV e XV, principalmente à que se refere à arte dos Van Eyck. E para além da definição do elemento típico que caracterizaria a obra destes artistas, o que estava em questão era a forma como a Idade Média estava sendo apreendida pelos historiadores. Como Huizinga mesmo argumenta, nesse livro o Medievo não é observado como o prelúdio do Renascimento, mas como um período em que as formas da cultura experimentaram um momento de saturação, de maturação e por fim sucumbiram para o nascimento de algo novo.

O problema do lugar que os Van Eyck ocupavam na história da cultura já lhe havia surgido alguns anos antes. Em 1902, em companhia de seu amigo André Jolles, Huizinga havia visitado em Bruges uma exposição sobre a arte flamenga primitiva. Entre os quadros expostos estavam os dos Van Eyck e de Van der Weyden. A visita a essa exposição o havia feito se interessar pelo debate científico em torno do problema da definição da arte dos Van Eyck como sendo uma pintura realista. O conceito de “realismo”, associado à época cultural referente ao Renascimento, ao ser empregada para definir a obra desses pintores flamengos fazia com que eles ocupassem um lugar bastante próximo dos pintores renascentistas. Porém, para Huizinga, esse forma de compreensão da arte desses pintores estava equivocada, uma vez que ele identificava nela mais um dado do passado do que o germe de algo novo.

Outro *insight* de Huizinga diante da experiência em Bruges foi a de que a análise histórica deveria ir além dos documentos oficiais, aqueles considerados tradicionais, e abranger também as expressões culturais, especialmente os testemunhos figurativos. Somente

¹³ HUIZINGA, J. **O Declínio...** Op.cit. p. 7.

na inclusão desses elementos mais difusos, mas nem por isso menos importantes, o historiador poderia perceber o “todo da época”, um certo “sentimento coletivo” que daria sentido às ações do homem num determinado período histórico.

A inserção de Huizinga no debate acadêmico em torno dos Van Eyck teve um papel importante na origem de *O Outono da Idade Média*. Isso pode ser observado em sua trajetória inicial como professor de História em Groningen nos anos de 1905 a 1907. Nesses anos, este historiador havia pretendido apresentar aos seus alunos um curso que seria denominado de “O Renascimento”. Contudo, ao longo de sua preparação para tal curso, o título do programa muda de foco e de problemática: em 1907, Huizinga decidiu não mais tratar do “Renascimento” como época cultural fechada em si mesma, mas “dos primeiros germes da cultura moderna no Medievo”. Nesse sentido, o Renascimento não aparecia mais como uma época marcadamente em contraste com o Medievo, mas de perceber como estes períodos históricos estavam integrados pela existência de certos fundamentos comuns. Ao flexibilizar os limites entre essas duas épocas, Huizinga estava discutindo abertamente com o conceito burckhardiano de Renascimento.

Para Burckhardt, o Renascimento era em quase todas as suas características uma negação da cultura medieval. Contudo, na perspectiva de Huizinga, essa afirmação não era totalmente acertada e o que lhe mostrou, primeiro, essa incongruência, foi a denominação dada por alguns estudiosos da arte e da cultura de que a obra dos Irmãos Van Eyck seria “realista”. Algo próximo de um “renascimento setentrional” que estava fundamentado na idéia de que a obra dos Van Eyck, essencialmente, se caracterizava pelo realismo. E foi dessa intuição que nasceu o livro *O Outono da Idade Média*. Nessa direção, as teses de Burckhardt sobre o Renascimento são fundamentais para compreender esse livro, visto que Huizinga estabelece um diálogo constante com a sua obra e seu conceito de Renascimento

Vale dizer ainda, que a principal crítica de Huizinga ao conceito de Renascimento não dizia respeito ao conceito burckhardiano em todas as suas considerações e conseqüências. Isso porque o quadro da época renascentista desse historiador dizia respeito a um espaço geográfico bem delimitado, a Itália do século XIV e XV. O problema maior estava, na visão de Huizinga, na tentativa, por parte de alguns historiadores da arte e da cultura, entre ele e Burckhardt, de ampliar as considerações desse historiador para além do contexto italiano e tentar encontrar na Europa setentrional as mesmas características “renascentistas”.

Porém, a presença desse historiador suíço vai além. Mais do que um crítico de Burckhardt, Huizinga foi, sobretudo, um admirador de sua obra. As considerações dele sobre o que seria a tarefa do historiador e do próprio conhecimento histórico estiveram presentes em toda a trajetória de Huizinga. A própria denominação de História da Cultura como um ramo do saber histórico, tem uma importante passagem pela produção intelectual desse historiador suíço. Foi ele quem atribuiu às expressões culturais um papel central na construção da compreensão história, indo contra a corrente num momento em que era a História Política que ocupava a grande parte dos historiadores no século XIX.

Assim como Burckhardt, Huizinga acreditava que para compreender uma determinada época histórica era necessário passar pela análise de suas expressões culturais e artísticas. Era a partir delas que seria possível apreender o mais profundo significado da experiência do homem quando imerso na linha do tempo. Era preciso revelar, mesmo que partindo de apenas um fragmento, o “pathos” da época, ou seja, uma certa sensibilidade coletiva que atribuiria sentido aos dados concretos da realidade. Outro aspecto que marcava a concepção de ambos sobre a tarefa do historiador era o fato de que a análise histórica não deveria partir de paradigmas, ou construir regras gerais sobre os fenômenos sociais. O que se deveria fazer seria construir uma “sugestão visionária” do passado através da composição de uma “imagem histórica” capaz de atribuir aos sonhos e às expectativas do homem do passado o mesmo colorido que um dia eles tiveram.

E foi exatamente uma sugestão visionária, um atribuir de cores ao passado, que fez Huizinga em *O Outono da Idade Média*. A partir de uma escrita refinada e próxima da estética literária, esse historiador deu forma, cor e sentido, ao espírito do homem tardo-medieval. E isso, como argumenta o próprio Huizinga, só foi possível porque a sua investigação histórica havia ido além dos documentos oficiais, e incluído os sonhos, as paixões e as ilusões como dado da compreensão do passado.

“Um leitor dos nossos dias, ao estudar a história da Idade Média baseada em documentos oficiais, nunca poderá fazer uma idéia da emotividade extraordinária da vida medieval. Ao quadro desenhado inteiramente pelas penas oficiais, mesmo que provenham de origens da maior confiança, faltar-lhe-á um elemento: o da veemente paixão que arrebatava por igual os príncipes e o povo.”¹⁴

¹⁴ HUIZINGA, J. *O Declínio...* Op.cit. p. 20.

O “pathos” da tardo Idade Média seria melhor compreendido, então, quando se olhasse para as expressões artísticas da época e quando elas estivessem colocadas em relação direta com o contexto da época. E o que salta desse cruzamento de dados é um homem medieval melancólico que convivia com a sensação constante de um colapso iminente. Um homem profundamente marcado pelo sentimento religioso e pela necessidade de dar uma forma material para as idéias abstratas. Um homem que experimentava uma vida que oscilava pelos extremos do cheiro da rosa e do cheiro de sangue. O cavaleiro e o homem pio. A esperança de um paraíso celeste e a força de atração da volúpia, da corrupção e da vida terrena.

E que, diante de uma vida difícil, escolhia o caminho do sonho e projetava-se no passado em busca de um modelo de perfeição para imitar. É nesse ponto que o problema do lúdico na cultura apresenta-se como um dado da compreensão histórica. Para Huizinga, as ambigüidades de um mundo culturalmente saturado e de condições materiais miseráveis, onde todos os elementos banais ganhavam um tom dramático, haviam feito o homem buscar uma vida de beleza e de sonho fora da convulsão de seu tempo.

Numa célebre passagem desse livro, Huizinga expõe três caminhos possíveis que conduziam o homem à vida ideal. Primeiro o abandono do mundo. O segundo caminho conduziria a melhoria do próprio mundo pela conscienciosa tarefa de melhorar as condições e as instituições. E o terceiro caminho, e aquele escolhido pelo homem medieval, era o do sonho. “Uma promessa de fuga às tristezas quotidianas está ao alcance de todos; basta que demos à vida o colorido da fantasia para entrarmos no caminho que conduz ao esquecimento contido na ilusão da harmonia ideal. Depois da solução religiosa e social temos estoutro, a poética”.¹⁵

Essa opção poética dos homens da Idade Média havia atribuído à vida nessa época o colorido dos “contos de fada”. A cultura laica no declínio da Idade Média caracterizava-se, então, pela vida aristocrática ornamentada de formas ideais, dourada pelo romantismo cavalheiresco compondo o quadro de um mundo que, segundo as palavras de Huizinga, era “um mundo disfarçado dentro da fantástica roupagem da Távola Redonda”.¹⁶ Essas formas ideais se apresentavam como um desejo de regresso à perfeição de um passado imaginário e a forma de se alcançar tal nível era a imitação. E esse padrão ideal não estava limitado à literatura, ela transbordava para além dessa esfera e inundava a vida cotidiana. Isso se devia,

¹⁵ HUIZINGA, J. O Declínio... Op.cit. p. 39.

¹⁶ Ibid., p. 40.

segundo Huizinga, à necessidade, presente nas sociedades mais primitivas, de colocar a vida real de acordo com um padrão ideal.

E essa busca pela beleza era encarada por Huizinga não como uma forma de escapar da realidade, mas como um esforço criativo de adaptação dos sonhos com a realidade. E como ele mesmo expõe, não se trata de um elemento fora da realidade, mas algo inerente a ela, que garante a existência da cultura. Mais do que da cultura, da beleza das formas. Foi esse padrão ideal, essa vontade de uma vida sublime, que elevou o homem medieval para além das suas mazelas e lhe incutiu valores como virtude, honra e cortesia. Nesse sentido, Huizinga ressalta o papel dessa “imitação” de um modelo de perfeição no processo de civilização dos costumes, na formulação de um código rígido de comportamento e na construção de elevados valores sociais.

A descoberta do sonho e do fantástico como fatores positivos, formativos da cultura, foi certamente um dos pressupostos da historiografia de Huizinga. Foi a partir desses elementos que ele foi capaz de construir o quadro da cultura borgonhesa segundo um novo e particular ponto de vista. E foi também esse *insight* que, num ponto mais adiantado da sua trajetória como historiador, permitiu que ele avaliasse a cultura, do passado e do presente, sob novas bases e interpretação: ele havia percebido o elemento lúdico da cultura.¹⁷

Na configuração desses elementos ele procurava compreender alguma coisa de essencial da cultura borgonhesa. Na mudança deles, Huizinga acreditava reconhecer a passagem do tardo medieval para a Renascença. Nesta passagem não se tratava de um “dissipar-se do véu ao vento”, como na célebre frase de Burckhardt, mas na mudança dos jogos das cores sobre um véu que permaneceu também durante o Humanismo do século XVI.¹⁸ O Humanismo era então “a viragem da maré”.

As primeiras incursões de Huizinga na temática do lúdico na cultura, apresentadas mais sistematicamente nesse livro, apontam para a idéia muito particular desse historiador de que o mundo, como no jogo, deveria ser governado por regras. Regras rígidas, baseadas em noções éticas e morais, que garantiriam ao homem saber o seu lugar no mundo e, mais do que isso, proveriam as bases da cultura. *O Declínio da Idade Média*, de 1919, já apontava para algumas questões que mais tarde ganharam maior relevo nos escritos de Huizinga na medida em que um sentimento crescente de urgência que o assolava o fez escrever sobre a sua própria cultura. Ao longo do tempo ficou mais claro para este historiador a necessidade de resgatar os

¹⁷ KAEGI, W. Op. cit. p. 331.

¹⁸ Id.

valores imprescindíveis da cultura ocidental e, sobretudo, européia. A questão do jogo, da moral e da busca por uma vida sublime eram, para Huizinga, os elementos que faltavam à cultura contemporânea. No entanto, a salvação da cultura não estava nesse momento de declínio, mas no surgimento de uma nova cultura: no humanismo de Erasmo. Na viragem da maré de uma cultura saturada para o advento de uma cultura renovada pela fé e pelos estudos clássicos. Forma e conteúdo convergiram na construção de um mesmo ideal: o sábio da antigüidade.

3 ERASMO: A EUROPA IDEAL E A RENOVAÇÃO DA CULTURA

No final de *O Declínio da Idade Média* o que se apresenta não é exatamente uma conclusão definitiva, mas o anúncio de algo novo que virá: “uma elevada e forte cultura decaí, mas ao mesmo tempo, e na mesma esfera, estão nascendo coisas novas. É uma viragem da maré, um ritmo de vida que vai mudar”.¹⁹ E o livro *Erasmus* de 1924 trata dessa mudança em estreita ligação com o livro de 1919. Se em *O Declínio* o que está em questão é observar a maturação de cultura que está em processo de declínio, em *Erasmus*, o foco está colocado sobre o surgimento de novos elementos culturais que permeiam a vida de novas tonalidades. Contudo, entre esses dois momentos, a cultura borgonhesa do século XIV e XV e o Humanismo do século XVI, não há uma ruptura definitiva. Mesmo os primórdios do Humanismo no século XV tinham em sua base elementos da cultura medieval. E mesmo quando no século XVI as diferenças mais nítidas de tonalidade permitem observar um momento de “virada”, não se pode radicalizar as rupturas existentes. Há uma convivência entre esses dois mundos: é simultâneo o declínio e a floração.

Nesse sentido, mesmo o uso do termo Renascimento, pelo menos em seu significado convencional, deve ser empregado com cautela, uma vez que esse termo não é totalmente capaz de expressar a especificidade desse período. Mesmo em relação ao cultivo dos estudos clássicos, que dentro dessa idéia convencional traduziria o período renascentista, Huizinga, não vê a pertinência desse termo, “renascimento”, visto que o cultivo da cultura clássica nunca esteve morto no medievo. O que acontecia na Idade Média era que o cultivo da cultura clássica estava limitado a um círculo erudito que o usava, não a partir de seu conteúdo considerado pagão, mas como uma forma de embelezar as formas medievais.

¹⁹ HUIZINGA, J. *O Declínio...* Op. cit. p. 343.

O que seria típico nessa época cultural, então, na perspectiva de Huizinga, seria a convergência entre forma e conteúdo. O que na Idade Média era apenas um jogo de erudição limitado a um círculo restrito como o cultivo da antiguidade, torna-se a partir da ação dos humanistas um dado presente da realidade, difundido por uma esfera imensamente mais ampla do que anteriormente, e ganha também o rigor de um conteúdo revisitado e ressignificado pelos estudos filológicos.

Todos esses elementos são investigados a partir da reconstituição da trajetória do humanista e holandês Erasmus de Rotterdam. E o que se destaca dessa tentativa é o encontro com uma personalidade heterogênea que carregava em si os elementos mais mesquinhos de “homem medieval” melancólico e os mais altos valores de humanidade encarnados em seu amor e adoração pela antiguidade clássica. É essa ambigüidade que há na alma de Erasmus que permite a Huizinga perceber a inutilidade de estabelecer uma periodização rígida das épocas históricas. Porque quem faz a história são os homens do século XVI e não o conceito. Os homens do século XVI por mais que tivessem ciência de que algo novo estava acontecendo não foram capazes de identificar essa mudança em todas as suas implicações. Por isso não se deve olhar para Erasmus e buscar nele o reflexo das características que hoje se espera que um humanista tenha. O que há nele é essa convivência entre duas referências de vida. Mas o que faz dele um inovador, é o fato de que mesmo vivendo numa cultura cujo “subterrâneo” era ainda medieval, Erasmus teve a coragem para não ser um cavaleiro. E nisso está o germe de um novo dado da cultura.

Se na Idade Média o ideal que se convinha buscar era o do herói que encontrava uma forma de expressar seu ideal no círculo restrito da Cavalaria, no século de Erasmus o ideal de perfeição no passado estava na Antiguidade e nos grandes sábios que ela produziu. Por mais que ambos estivessem animados pela mesma vontade de beleza que se pode encontrar nesse período da história, o que eles apresentam de distinto é que o ideal de imitação do herói antigo pelo cavaleiro estava subordinado aos princípios medievais e já a imitação do “sages” se sustentava sobre novas bases. O olhar que se projetava para o passado era, agora, distinto. A antiguidade no Humanismo foi tomada por ela mesma e ofereceu, mais do que formas de ornamento para vida, o conteúdo de uma cultura baseada na razão e erudição.

Mais uma vez, como em *O Outono da Idade Média*, esse impulso do homem de projetar-se no passado mostra-se um esforço impregnado de valores éticos. O passado fornecia ao homem os parâmetros para compreender o mundo ao seu torno, mas para além

disso, a imitação do passado tornava o presente, consumido pela miséria espiritual e material, algo plausível pintado pelas cores da ilusão e do sonho.

O mundo de Erasmo estava sobrecarregado de constituições humanas, opiniões e dogmas escolásticos e abrumado pela tirânica autoridade das ordens. Por consequência de tudo isso, na consideração de Erasmus, a força da doutrina evangélica se debilitava. Para ele, a fé requeria simplificação e esta estaria na volta às fontes do cristianismo, na crítica bíblica. Seu método, para Huizinga, assume um caráter histórico-filológico. Talvez Erasmo nunca tenha compreendido todos os transtornos que seu método filológico-crítico causou a Igreja.

Este humanista bíblico, como chamou Huizinga, estava em profundo acordo com a Antigüidade na fundamental convicção de que o importante é a prática da vida. E essa era a função da filosofia: a expressão de seu significado por meio da vida dos homens. Viver esse ideal é o que Cristo mesmo chama de Renascimento. Contudo, essa palavra é usada por Erasmo no sentido cristão. Mas o Renascimento como fenômeno histórico está estreitamente relacionado com esse ideal. É, por fim, o espírito do século XVI que gozava das formas pagãs, mas o conteúdo que ansiava era cristão. E nesta união de um poderoso esforço cristão com o espírito da Antigüidade, encontra-se a explicação do prodígio de Erasmo.

Mas diante da constatação de certa ambigüidade da personalidade de Erasmus, o que fazia dele um humanista? O que fazia de Erasmo um homem do Renascimento, segundo Huizinga, era seu desejo ilimitado e ilimitado poder de absorver todo o que há de extraordinário na vida real. Esse era, por conseguinte, o espírito renascentista. O que Erasmo e seus discípulos criaram foi um mundo espiritual, emancipado das limitações do tempo e que teve influência no curso dos acontecimentos na medida em que reforçaram o caráter internacional da civilização.

A inclinação de Erasmus para a paz também fez dele um símbolo da configuração de algo novo na cultura ocidental. E era nesse desejo de paz que estava fundamentado sua idéia de uma Europa ideal. Uma Europa enquanto um corpus político e cultural no qual os Estados estariam unidos para integrar as suas particularidades dentro de um contexto mais amplo, “internacional”. As relações entre os Estados seriam regidas por valores como honra e concórdia. E a base dessa comunidade seria o cristianismo e o elo com a tradição dos valores clássicos.

Os motivos que levaram Huizinga a se debruçar sobre a vida do humanista Erasmus, não estão totalmente esclarecidos. Mas o que se pode conjecturar é que seu encontro com esse grande homem holandês do século XVI passe, primeiro, por sua admiração pessoal por este e,

segundo, pelo seu interesse em se analisar um momento em que se engendram os principais fundamentos da civilização européia. O encontro entre a fé a razão, entre o paganismo e o cristianismo, havia construído uma cultura repleta de valores éticos e morais onde o homem, em relação estreita com Deus, se lançava para o mundo para compreendê-lo. E para esta tarefa carregava consigo a bagagem de uma cultura antiga onde os valores da liberdade e da ação do homem no mundo como potência criadora eram questões capitais para definir o papel do homem na construção da cultura.

CAPÍTULO 2

1 A DESCOBERTA DO PRESENTE: A AMÉRICA E A HISTÓRIA DA CULTURA

Em 1935, o então diretor do Instituto Warburg em Londres, Fritz Saxl, convidou o historiador holandês Johan Huizinga para proferir uma conferência sobre os seus trabalhos historiográficos, visto ser naquele momento o maior representante vivo da História da Cultura. A expectativa, como narra Ernst Gombrich, historiador da arte, era de que o famoso historiador da Borgonha da Baixa Idade Média tratasse de qualquer assunto pertinente a esse contexto histórico, mas a resposta foi surpreendente. Huizinga respondeu a Saxl dizendo querer tratar do elemento lúdico da cultura. E o que se ouviu foi um crítico da civilização profundamente preocupado em retornar ao fundamental e tirar as conclusões de uma vida de estudo.²⁰

Antes mesmo desse evento balizador no Instituto Warburg, as análises de Huizinga em torno da cultura norte-americana já apontavam para uma mudança de interesse. Em 1926, em viagem pela primeira vez à América do Norte, este historiador deparou-se com uma sociedade que ele considerava haver perdido os valores fundamentais da cultura. Como argumenta Gombrich, essa experiência fez-se significativa na medida em que os escritos decorrentes dessa viagem, como o texto aqui em questão – *Espírito norteamericano* – deixam transparecer, intercalado entre a objetividade desse observador, sua reação pessoal e seu desafeto com relação ao curso da civilização ocidental. Nessa viagem, portanto, estaria a experiência que converteu Huizinga “de tranqüilo historiador da cultura, em apaixonado crítico de seu tempo, verdadeiramente, em *laudator temporis acti*”.²¹

E é na perda dos valores então considerados fundamentais por Huizinga, entre outras coisas, que se concentra a crítica deste à cultura de seu tempo. Assim sendo, Cantimori expõe a necessidade de compreender essa guinada crítica na trajetória intelectual desse historiador, primeiro, em relação a essa esfera cosmopolita de espíritos livres e, segundo, a partir da conexão que esta estabelece com o contexto de preocupações políticas e sociais da década de 30 como o fascismo, o racismo e o nacional-socialismo. Todos esse elementos convergiram

²⁰ GOMBRICH, E. La gran seriedad del juego: reflexiones sobre “Homo Ludens” de Johan Huizinga (1872-1945). IN: _____. **Tributos:** versión cultural de nuestras tradiciones. México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p. 139-140.

²¹ *Ibid.*, p. 148.

para a formação de um quadro de época que tornavam as perspectivas de futuro cada vez menos otimistas. Essa desesperança e a imagem de um iminente colapso compartilhada por essa esfera intelectual, formada nos quadros de uma concepção de sociedade liberal, concorreram para um incremento do desconforto com os rumos da civilização ocidental. E é, portanto, nesse clima de desconforto que emergem as obras de Huizinga voltadas para a interpretação do tempo presente.

Essa esfera intelectual cosmopolita final do século XIX e começo do século XX, da qual trata Cantimori, era intitulada de “*respublica* de espíritos livres” da qual faziam parte, além de Huizinga, Thomas Mann, Ernst Robert Curtius, Ortega y Gasset, Lucien Febvre e Stefan Zweig. Esses homens acreditavam representar um “terceiro humanismo”, ou seja, um impulso regenerador da cultura que lança suas forças em busca do restabelecimento dos vínculos com uma tradição perdida, a tradição da civilização ocidental. O que caracterizava essa esfera cosmopolita de “espíritos livres” era a ênfase dada à análise das manifestações culturais como elementos fundantes da civilização em detrimento às esferas de atuação política. Outro aspecto, era a sua orgulhosa vontade aristocrática de isolamento, ou seja, sua atuação dava-se apenas por meio de posições intelectuais sem uma inserção direta na vida política institucional.²² Segundo Cantimori, a compreensão da crítica cultural que Huizinga lançou ao seu próprio tempo, materializada em livros como *Nas Sombras do Amanhã*²³ e *Homo Ludens*²⁴, deveria passar pela análise desse ambiente intelectual que compartilhava com ele as preocupações em relação ao rumo da civilização ocidental.

O pessimismo em relação aos rumos da civilização ocidental que destaca Cantimori como sendo uma das razões da mudança de perspectiva e objeto de Huizinga, também está presente nos argumentos de Ernst Gombrich. Contudo, Gombrich destaca que por mais que haja essa inflexão na trajetória intelectual de Huizinga, há uma unidade entre a sua obra como historiador e como crítico cultural. E esta unidade está colocada na existência de um problema comum que permeia toda a sua obra: o problema do limite entre o jogo e o sério.

Apresenta-se aqui a questão que foi fundamental na forma como Huizinga construiu sua interpretação em torno das realidades passadas e do presente: o elemento lúdico da cultura. Para Gombrich, esse elemento que antes estava difuso nas obras precedentes de Huizinga, ganha a partir de 1926 em sua viagem aos Estados Unidos e, sobretudo, na década

²² CANTIMORI, D. Johan Huizinga. IN: **Los historiadores y la história**. Barcelona: Ed. Península, 1985.

²³ HUIZINGA, J. **Nas sombras do amanhã...** Op. cit.

²⁴ _____. **Homo Ludens...** Op.cit.

de 30, o valor de dado fundamental para a compreensão do que ele caracterizava como sendo um momento de declínio da civilização ocidental. A perda do elemento lúdico, explicitada em *Homo Ludens* (1938), havia assinalado o fim da verdadeira civilização, uma vez que para esta existir de forma autêntica, na visão de Huizinga, era necessário que o lúdico estivesse imbuído das normas prescritas pela razão, pela humanidade e pela fé. Gombrich chama a atenção também para o fato de que a questão moral e religiosa, que também sempre esteve presente na obra desse historiador holandês, ganhou ainda mais relevo nessa “segunda fase” de sua produção.²⁵

Essa inflexão na trajetória de Huizinga também é assinalada pelo historiador suíço Werner Kaegi.²⁶ Ele argumenta que o grupo de obras representadas pelos livros *Nas Sombras do Amanhã*, *Homo Ludens*, *L'uomo e la cultura*²⁷ e o *Mondo Disonarato*²⁸ tem maior peso na consciência de numerosos espíritos para os quais Huizinga não é tanto um estudioso de história, mas um guia para o presente e o futuro, tornando-se, desse modo, um “admoestador do nosso tempo”. Kaegi considera que este grupo de obras é por certo “obra histórica, embora num sentido mais profundo da palavra”. São obras históricas na medida em que narram e discutem as preocupações e o estado de alma de um momento histórico específico marcado pela noção de colapso iminente da civilização; partindo dessa consideração, Kaegi aponta para a possibilidade de estabelecer um diálogo interpretativo com esse período da história através das obras huizinguianas. Diferentemente da produção anterior de Huizinga, nesses últimos livros os acentos principais são colocados sobre o terreno religioso e ético, e a cultura é compreendida enquanto tendo como seu pano de fundo um problema metafísico. Kaegi também assinala outro elemento essencial: a importância da figura do humanista Erasmo na formulação de Huizinga das possibilidades de regeneração da cultura ocidental. De Erasmo, esse historiador holandês extraiu as noções de renúncia ao supérfluo da cultura em nome do que era realmente fundamental, retorno à simplicidade e a necessidade de uma “fé renovada” a partir da retomada dos laços com a tradição. Era a partir da aceitação desses elementos por parte dos homens de bem, segundo Huizinga, que se poderia esperar a salvação da civilização ocidental.

²⁵ GOMBRICH, E.H. Op.cit.

²⁶ KAEGI, W. Op. cit. p. 339.

²⁷ HUIZINGA, J. **L'uomo e la cultura. Itália.** Firenze: La Nuova Itália, 1948.

²⁸ Livro este não arrolado entre as fontes desse trabalho tendo em vista o fato de que não foi possível consultá-lo, uma vez que não há tradução para o português e a edição italiana é de difícil acesso.

1.2 O ESPÍRITO NORTE-AMERICANO: A POBREZA DAS FORMAS

Em 1919, quando Huizinga volta seu interesse para a civilização norte-americana e escreve seus quatro ensaios sobre *Homem e massa nos Estado Unidos* fica perceptível que a questão moral, que já estava presente em seus trabalhos, tinha tomado uma proporção maior.²⁹ Até esta data, 1919, Huizinga não tinha visitado os Estados Unidos, mas mesmo assim estava convencido de que os europeus sabiam pouco sobre essa nova civilização do outro lado do Atlântico. Também havia reconhecido que as tradicionais formas de descrição dos historiadores não eram suficientes para compreender essa nova realidade. Seu interesse pela cultura norte-americana estava embasado na idéia de que ali estava o modelo de uma civilização que ilustrava o desejo humano de melhorar o mundo, em vez de interessar-se em esperanças mais distantes ou nas representações de glórias passadas. Enfim, uma sociedade que estava organizada de forma muito diversa das culturas que haviam interessado Huizinga até então como a cultura medieval do século XIV e XV e a cultura humanista do século XVI.

Esse contraste, que de forma mais ampla expandia-se para um contraste entre a civilização européia e a civilização norte-americana, suscitou um sentimento de desagrado por parte de Huizinga em relação aos rumos da civilização contemporânea. A preocupação pessoal deste historiador que esteve sempre presente em suas obras, em 1926, após sua viagem aos Estados Unidos, fez-se mais urgente diante desse sentimento de “irreconciliação”, como argumenta Gombrich, com a cultura contemporânea.³⁰

A partir de sua experiência na América, este autor escreve algumas notas, como o ensaio *Espírito Norteamericano*, de 1926. Neste texto, Huizinga argumenta que o olhar do norte-americano fixado no presente e sua postura pragmática em relação às coisas do espírito culminaram na deturpação das fronteiras entre indivíduo e sociedade; essa atitude tinha como seu principal desdobramento o advento de uma sociedade mecanizada e nivelada. A potência criadora da cultura havia desfocado-se: transferido-se do homem para a máquina. Sendo assim, a sociedade norte-americana havia tornado a possibilidade de uma experiência de liberdade e personalidade apenas uma ilusão.³¹

O ensaio começa narrando a experiência que Huizinga teve entre os cientistas sociais norte-americanos. É possível perceber, na narrativa deste historiador, o seu estranhamento

²⁹Idid., p. 147.

³⁰Ibid., p. 148.

³¹HUIZINGA, J. *Espiritu norteamericano*. Op.cit.

com a realidade deste país e a percepção das diferenças de tonalidade que marcam as ciências sociais na América do Norte e na Europa de então. Essa sensação de estranhamento perpassa todo o discurso de Huizinga e é por meio desse sentimento que é possível perceber o quanto àquela cultura teve um efeito significativo sobre a forma como ele compreendeu, a partir de então, a cultura de seu próprio tempo. Ao tentar traçar as características essenciais do pensamento norte-americano, Huizinga também estava se posicionando diante de um tipo de comportamento social com o qual ele não se identificava. E ele busca essas características em diversas áreas da cultura norte-americana como nas ciências sociais, na relação que os norte-americanos estabeleciam com a história e na construção de uma nova ética social baseada no otimismo social e na fé no progresso que estava profundamente arraigada na forma como eles compreendiam o mundo e se relacionavam com ele.

Ao analisar a ciência social norte-americana, Huizinga destaca que esta estava inclinada a resumir toda a conduta e todos os acontecimentos sociais e individuais sob o aspecto de *behavior*. Isso estaria ligado estreitamente com o “triunfo” da psicologia social que naquele momento marcava, na visão de Huizinga, as diversas disciplinas que se agrupavam em torno da definição ampla de “ciência social”. Nessa perspectiva de análise, baseada na psicologia social, a explicação dos fenômenos da sociedade estaria limitada a uma compreensão de que estes são emanações de determinados tipos de conduta humana. Entenda-se que as ações são determinadas por fatores da natureza e do meio, sem que a personalidade pudesse se afastar dessas forças determinantes.

O homem seria então produto de seu meio social, de seu habitat. Acreditava-se então na inexistência do homem que não atuaria e não pensaria por si só, suas ações seriam resultados da interação entre diversos elementos que determinariam os caminhos possíveis. Esse modo de ver as coisas desembocava na idéia de que a compreensão do homem e de sua conduta social não necessariamente tinha que passar pela observação dos meandros da personalidade, mas estava subordinado ao exame do meio no qual este se inseria. O destaque atribuído a esse dado de interdependência entre o mundo exterior e a personalidade limitaria o homem e seus costumes a simples elementos ligados à “funções sociais”. A diferença de tonalidade entre a América do Norte e a Europa seria que, por mais que nesta última esse tipo de concepção fosse naquele momento conhecida, ela não se colocava em primeiro plano como na América.

Segundo Huizinga, esse tipo de comportamento, eminentemente marcado pela perspectiva behaviorista, e, portanto, pela psicologia social, comporia o elemento principal do

pensamento norte-americano e se desdobrava numa atitude pragmática diante da ciência e dos comportamentos sociais de modo mais geral. Essa visão behaviorista tinha como pretensão, na perspectiva de John B. Watson, que para Huizinga era o profeta desse sistema de pensamento, extirpar sem rodeios todas as expressões dos domínios do espírito, o que acabava por considerar toda forma de atribuição de sentido a uma coisa, uma forma de superstição.³²

Essa maneira de compreender a realidade excluindo os domínios mais complexos do espírito dava as cores de uma conduta pragmática que marcava o pensamento norte-americano. Todas as ciências deveriam legitimar a sua existência através de alguma investida prática na sociedade, “as mesmas forças que determinam uma mecanização da cultura, as maiores facilidades para o intercâmbio dos pensamentos, a técnica refinada, a organização ordenadora de tudo, criaram ali uma conexão entre pensamento científico e a vida social”.³³

A postura pragmática adotada pelas ciências sociais era um indício, para Huizinga, da construção, que então estava em andamento, de uma nova ética democrática e social. E nessa nova ética a ciência ocuparia o lugar que em tempos anteriores havia sido ocupado pela religião. Um reflexo dessa atitude poderia ser observado nos “homens e mulheres de ciência” que “renunciavam, mesmo sem sabê-lo, aos castelos no ar de seu próprio pensamento para poder lavrar a terra para outros”.³⁴

Outro elemento que participaria dessa concepção pragmática da vida é a escolha, segundo Huizinga, do norte-americano pela figura bíblica de Marta e não de Maria. Para eles, foi Marta que escolheu a melhor parte. Ao posicionar-se dessa forma, o norte-americano revelava a sua postura diante do mundo: “ele vivia para isto, o aqui e o agora”.³⁵ A psicologia o havia ensinado que o fugir da vida, o sair-se da realidade que o rodeia, não é mais do que uma reação de sua própria debilidade. A imaginação seria uma “fabricação compensatória”, uma “satisfação evasiva”, que careceria necessariamente de todo o valor. E essa carência estaria no fato de que ela não contribuiria para forjar novos meios, ferramentas ou coisas úteis para dominar esse mundo do presente.

Isso fica claro quando este historiador argumenta sobre a origem das criações artísticas: “Por que as épocas anteriores criaram grandes obras de arte? Porque os meios de que dispunham para dominar a vida e o mundo, para fazer a vida digna de ser vivida eram tão

³² Idib., p. 412.

³³ Idib., p.414.

³⁴ Ibid., p. 418.

³⁵ Idid., p.424.

pobres, que não haviam sido capazes de suportar o mundo sem aquelas fortes e duradouras evasões, sem as imponentes construções de seu espírito”.³⁶

Para compreender melhor essa crítica de Huizinga em relação à psicologia e a sociologia dominante nos Estados Unidos, que compreendiam toda arte e religião como forma de escapismo, é preciso retomar algumas obras anteriores, onde este historiador argumenta que o homem para fugir da miséria da vida elege para si um ideal a ser alcançado. Ao contrário do que pensavam os norte-americanos, este historiador não vê nessa busca uma forma de evasão e escapismo. Na sua perspectiva, a necessidade de transcender a realidade era sempre criativa e longe de ser uma debilidade, era um sinal de força e vitalidade.³⁷

Para Huizinga, o homem, quando não é capaz de alcançar o posto que lhe apetece na vida, evade-se dela para construir-se uma existência melhor em sua imaginação, se cria um mundo próprio em que é reconhecida a sua personalidade. Esta vontade de beleza é fator explicativo tanto em *O Declínio da Idade Média*³⁸, quanto em *Erasmus*³⁹, uma vez que esta vontade era compreendida como potência ativa na história. Se nos séculos XIV e XV o ideal do herói mobilizou as emoções do homem medieval, no século XVI era o ideal do “sages” o modelo a se imitar. Nesse conceito de ideal histórico está colocada a noção de que o homem - como agente construtor da realidade - busca num passado mitificado as referências para a sua ação no mundo. E a atuação efetiva do ideal histórico na realidade pôde ser constada por Huizinga pela inclusão do sonho e da imaginação como ferramentas explicativas no campo da interpretação histórica.⁴⁰

Viver esse ideal era, para Huizinga, um jogo, um “nobre jogo”. O aspecto lúdico dessa referenciação a um modelo de uma perfeição perdida no passado está na criação de um ambiente, um círculo, em que essa reprodução se permeia de sentido e potência. O grande exemplo disso para Huizinga era a cavalaria medieval. A cavalaria tinha seu ideal no “heroísmo” e, para se aproximar desse ideal, os homens buscavam diferenciar-se através da conduta, dos costumes, da postura e do comportamento cortês. Para este historiador, essa imitação de uma perfeição passada enobrecia e enriquecia a vida social. Ela chegava mesmo a ter um papel civilizador ao refinar os costumes e elevar a vida ao sublime.⁴¹

³⁶ Ibid., p. 425.

³⁷ Id.

³⁸ HUIZINGA, J. *O Declínio...* Op.cit.

³⁹ _____. *Erasmus*. Barcelona: Ediciones del Zodíaco, 1946.

⁴⁰ HUIZINGA, J. Historical Ideas of Life. IN: _____. *Men and Ideas: History, the Middle Ages, the Renaissance*. Nova York: Meridian Books, Inc., 1959.

⁴¹ HUIZINGA, *O Declínio...* Op.cit. 39.

Em *Erasmus*, de 1924, o ideal a se imitar era o do “sages”. A noção de perfeição que veio então a ocupar as mentes dos homens, no século XVI era aquela da antiguidade grega e romana.⁴² Tanto o ideal do cavaleiro baseado no “heroísmo” quanto do humanista, para Huizinga, estava carregado de valores éticos. E eram nesses valores éticos que se encontrava a força e potência dessas culturas. Por isso a crítica deste historiador à concepção tão difundida na América do Norte de que a imaginação era uma forma de escapismo. Porque Huizinga via neles uma forma de aprimoramento da cultura e a base metafísica que, na sua concepção, era a base da cultura.

Essa “censura” aplicada ao homem norte-americano de evadir-se do presente para dar vazão às construções do espírito, portanto, o levava totalmente ao extremo oposto dessa concepção metafísica de cultura. O que prevalecia na civilização norte-americana era uma atitude extremamente arraigada de antimetafísica. A moderna psicologia social dos Estados Unidos considerava a fé, em geral, como um ponto de vista superado. Ao contrário do pensador europeu que estava mais disposto a reconhecer que a ciência experimental e indutiva não era capaz de iluminar o fundo de todas as coisas, na ciência norte-americana havia desaparecido aquela consciência direta e permanente do “mistério”. Ela havia rompido com o fundo metafísico da cultura que era fundamental para Huizinga para definir o que era uma cultura autêntica.

No pensamento norte-americano, impunha-se, naquele momento, um processo de mecanização da cultura. O homem teria que aprender a viver em grupos, “renunciar as ilusões de liberdade e personalidade” em nome do progresso e do otimismo social.⁴³ Para Huizinga, “jamais e nem em parte alguma se desfrutou da natureza e da técnica tão consistentemente, nem de um modo tão deliberado (...) como na América do Norte de hoje! Mas que assombrosa pobreza das formas se plasma tudo isso! Golfe e auto, cinema e leituras fugazes, praias e “campings” e, de vez em quando, algum concerto: do que vale tudo isso como formas de cultura?”⁴⁴ E é esse pergunta que nasce como sua experiência na América do Norte e que está presente em sua crítica posterior à cultura contemporânea. Para ele, pareceu, com essa experiência, que grande parte da vida da cultura contemporânea estava composta de coisas banais e secundárias. E como argumenta Gombrich, foi essa viagem que fez com que Huizinga investisse seus esforços para retornar ao fundamental da cultura.⁴⁵

⁴² HUIZINGA, J. *Historical Ideals of Life*. Op.cit. p. 90.

⁴³ *Ibid.*, p. 431.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 423.

⁴⁵ GOMBRICH, E. *Op.,cit.* p.140.

O que faz Huizinga, portanto, voltar os olhos para o seu presente, após sua viagem aos EUA, é perceber que o ideal de beleza a que se convém buscar está perdido. O homem norte-americano olha para o presente e considera as efusões da imaginação meras formas de escapismo, de evasão. O mundo moderno, cuja engenharia está melhor difundida nos EUA, perdeu a capacidade de projetar-se no passado, rompeu com o elo da tradição. O homem foi, então, submergido no presente e quando tentava tornar inteligível a realidade ao seu entorno tinha seus olhos forçadamente voltados para o progresso da técnica e a idéia de perfeição social. O ideal de vida havia se democratizado e se pulverizado em pequenos modelos manipulados pela política e, assim, havia perdido o seu caráter ético. Não há mais, portanto, sentido em imitar o herói ou o sábio, visto que o elemento lúdico dessas imitações estava baseado em noções de exclusivismo que a democracia cultural solapou. Pode-se ver que está aqui colocada uma crítica sutil ao Estado democrático que é compreendido, por Huizinga, como um instrumento de homogeneização da sociedade, responsável pela eliminação da personalidade e despotencializador da ação do indivíduo no mundo.

Quais eram os elementos imprescindíveis quando se trata de falar de cultura? É a essa pergunta que Huizinga tenta encontrar uma resposta a partir de então. Em 1935, com o livro *Nas sombras do Amanhã* é que esse problema passa a ocupar definitivamente o centro das preocupações intelectuais desse historiador. Esse livro também representa uma tomada de posição de Huizinga frente à cultura contemporânea e aos rumos que a civilização ocidental estava tomando. Era uma caminhada irreversível para o abismo?

Neste momento é interessante apresentar os textos de Huizinga que compõe o que se pode chamar de “segundo momento” de seu pensamento histórico. Dentro dessa perspectiva, foram selecionados dois textos: *Nas sombras do amanhã* (1935) e *Homo Ludens* (1938).

1.3 NAS SOMBRAS DO AMANHÃ (1935): UM DIAGNÓSTICO DA CRISE ESPÍRITUAL DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Em 1935, no mesmo ano em que Huizinga é convidado por Fritz Saxl para proferir uma conferência no Instituto Warburg e que responde dizendo estar interessado no elemento lúdico da cultura, ele lança, na Holanda, o livro *Nas sombras do amanhã*. Esse livro apresentou-se como um primeiro indício mais evidente de que este historiador havia, naquele momento, lançado todos os seus esforços no sentido de se posicionar diante dos rumos da cultura contemporânea e de buscar as condições e os valores fundamentais que deviam estar presentes quando se trata do fenômeno da cultura. Se a experiência na América do Norte o havia convertido num crítico ácido da civilização atual e o havia inspirado um sentido de urgência no resgate dos valores morais inerentes à cultura, em *Nas sombras do amanhã* todos esses valores são enumerados e a crise é esmiuçada na tentativa de encontrar a sua cura.

O interesse, revelado por Huizinga em resposta a Saxl, pelo elemento lúdico da cultura ganha o peso de valor essencial da cultura. Esse elemento já estava presente em outras de suas obras, essencialmente em *O Declínio da Idade Média*, e, em sua compreensão, estava eminentemente marcado por valores éticos e morais. Era o lúdico que tornava a aspiração de beleza um dado efetivo da realidade ao tornar esse ideal a vivência concreta de um “nobre jogo”. Todos esses elementos – a ética, a moral e o lúdico – já estavam colocados em suas obras anteriores. Contudo, a partir de 1926, e, sobretudo na década de 30, essas problemáticas ganham maior relevo, marcando, assim, efetivamente, uma inflexão na trajetória intelectual desse historiador. O que antes tinha apenas o caráter de livre esboço, ganha, em 1935, com *Nas Sombras do Amanhã*, fortes traços. E é acrescido ainda por um outro valor fundamental: o aspecto religioso integrado com a noção ética.

Nesse livro, Huizinga se propõem a construir, como enuncia claramente o subtítulo, um diagnóstico da enfermidade espiritual do seu tempo. Ele inicia o seu texto com a frase: “vivemos num mundo dementado”.⁴⁶ O mundo para ele havia perdido a razão, perdido a capacidade de julgar, e, o mais ameaçador, rompido com a tradição da Velha Europa. Todos os valores antes considerados sagrados e imutáveis como a verdade e a humanidade, a justiça e a razão, haviam se tornado incertos. O desastre era então iminente; contudo, para Huizinga, havia ainda motivos para a esperança e esta estava no esforço de resgatar as velhas tradições da civilização ocidental.

Para compreender melhor esses argumentos não se pode perder de vista o contexto em que ele está inscrito. É o mundo que vivenciou a Grande Guerra, que passou atônito pela crise de 29, que se viu com a tarefa de repensar as noções de progresso contínuo e que assistiu

impotente a ascensão de Hitler e do nacional-socialismo. É, num registro mais profundo, um mundo que se choca frontalmente com as concepções huizinguianas de cultura, de Estado e, mais amplamente, de Europa. E esse sentimento de choque não estava presente apenas em Huizinga, mas era compartilhado por um grupo de intelectuais desse período, entre eles o historiador suíço Werner Kaegi, os historiadores italianos Delio Cantimori e Federico Chabod e ainda pelo escritor alemão Stephan Zweig. Para eles, a noção de perda dos valores tradicionais da Velha Europa era um sintoma alarmante de que a civilização ocidental caminhava para uma conjuntura de instabilidade.⁴⁷

Vale assinalar ainda que intrínseco a essas críticas de Huizinga à cultura contemporânea estão colocadas as suas condições como historiador e como cidadão de “pequeno Estado”. O homem que olha para o seu presente é um historiador que domina as relações entre o atual e o passado. Ao se deparar com a condição presente tenta, a partir de um esforço retrospectivo, buscar as conexões, os fenômenos que culminaram nessa realidade. Sendo assim, ao olhar a cultura contemporânea, Huizinga a compreende como fruto de um processo histórico marcado pela indeterminação e pela ação concreta do homem no mundo.

A sua condição de cidadão de “pequeno Estado” tem também um peso decisivo na forma como ele desenvolve suas críticas. Huizinga, assim como o historiador suíço Jacob Burckhardt, esteve sempre ligado a tradição do pequeno Estado e desconfiava dos Estados-nação que estavam em franco desenvolvimento desde o século XIX. Para ele, esse tipo de configuração era em sua essência homogeneizadora e arbitrária. Este quadro tornou-se ainda mais ameaçador quando a vontade de potência desses Estados ameaçou a existência autônoma dos pequenos Estados.

A Europa de Huizinga é também a Europa de Erasmo. Era o ideal da Velha Europa em íntima conexão com os seus valores tradicionais. É a idéia de Europa como uma comunidade composta de múltiplos Estados que convergiam seus interesses para um consenso em nome da paz, do equilíbrio. É, em suma, uma unidade cultural e religiosa onde as partes são integradas no todo através de um intercâmbio sadio entre as singularidades.⁴⁸ E é essa a Europa que Huizinga observa desmonorar com o advento expansionista dos Estados-Nação que legitimam sua vontade de potência na supressão da moralidade na política e no estabelecimento desta como um campo autônomo da vida. A teorização do Estado amoral, que nesse momento tem

⁴⁶ HUIZINGA, J. *Nas sombras do amanhã...* Op.cit. p. 7.

⁴⁷ CANTIMORI, D. Op. cit. p. 223-224.

⁴⁸ CHABOD, F. *Storia dell'idea d'Europa*. Bari-Roma: Eiconica Laterza, 1961.

como sua figura mais eminente o alemão Carl Schmitt, era algo a ser combatido em nome da preservação do equilíbrio entre os Estados e da manutenção das particularidades como um elemento enriquecedor da cultura. A desvinculação do campo da política do campo vida geral e a supressão dos valores éticos nesse domínio são para Huizinga o caminho da barbárie e da homogeneização.⁴⁹

Outro sintoma da crise que assola a cultura contemporânea é o que Huizinga denominou “puerilismo”. É a perda do valor significativo do jogo, que se torna um intento meramente estético sem qualquer ligação com os altos valores da ética, e a configuração de uma conduta cultural própria do adolescente. Para este historiador, houve uma confusão entre as fronteiras do jogo e da seriedade, o que culminou na falta de respeito pelo outro e numa excessiva concentração sobre sua própria personalidade. Contudo, mesmo que o livro *Nas Sombras do Amanhã* esteja permeado de metáforas negativas como “demência” e “enfermidade”, Huizinga constrói suas considerações finais sobre um registro de esperança. Ele parte do diagnóstico para estabelecer a cura. Cura esta que tem sua fundamentação na catarse da civilização ocidental a partir da regeneração interior do indivíduo e na restituição do sentimento de responsabilidade humana. O homem deve querer ser mais do que um animal argumenta Huizinga, e nisso está à base da cultura. E a condição de ser humano pressupõe o reconhecimento de verdades eternas e universais; portanto, o redimir-se da civilização estaria num regresso, numa reconquista do senso e da virtude.

1.4 HOMO LUDENS (1938): OS LIMITES ENTRE O JOGO E O SÉRIO

Torna-se assim evidente que o elemento lúdico e os limites entre o jogo e do sério estão no cerne da crítica de Huizinga à cultura contemporânea. A caminhada da humanidade rumo ao imprevisível deveria ser marcada pelo desejo do belo, da virtude e da verdade. E é sobre esses pilares que se alicerça a cultura. Na mesma linha temática de *Nas Sombras do amanhã*, em 1938 Huizinga lançou-se na empreitada de integrar o conceito de jogo no conceito de cultura, o que deu origem ao livro *Homo Ludens*. Entre esses dois livros há uma permanência evidente de problemática; contudo, o caráter do jogo como elemento da cultura que antes estava difuso, concentra-se como dado fundamental para a compreensão do que Huizinga caracterizava como sendo um momento de declínio.⁵⁰

⁴⁹ HUIZINGA, J. In commemoration of Erasmus. IN: _____. **Men and Ideas...** Op.cit. p. 326.

⁵⁰ KAEGI, W. Op. cit. p. 339.

Neste livro, Huizinga reconhece que a cultura ocidental está em crise e tenta buscar os elementos que tornaram esse momento atual distinto de um momento anterior, o século XVIII, em que, segundo ele, os valores imprescindíveis da cultura ocidental ainda estavam intactos. Isto é, ele tenta diagnosticar o que a civilização perdeu de suas tradições e o que fez suscitar esse então presente quadro de colapso.

Em *Homo Ludens*, Huizinga desenvolve a tese de que o jogo é anterior a cultura e que tem uma função significativa, ou seja, carrega um significado que transcende as necessidades biológicas e que se apresenta como fator cultural da vida humana. Assim sendo, o aspecto lúdico é tomado como sendo um fenômeno cultural e não biológico e estudado a partir de uma perspectiva histórica. Para desenvolver essa análise, Huizinga dialoga com outras áreas do conhecimento humano apresentando uma variedade impressionante de informações. Há uma investida no universo da filologia, que permite ao autor compreender como a noção de jogo se expressa em diferentes línguas; e no universo da antropologia, que contribui no sentido de enriquecer os exemplos de como o elemento lúdico esteve presente em diferentes culturas. Na lista de antropólogos citados nessa obra estão: Mauss, Malinowski, Granet, Boas e outros.⁵¹

O jogo, a partir do recorte cultural constituído por Huizinga, é tomado como sendo uma das principais bases da civilização ocidental: a cultura surge sob a forma de jogo e ela é, desde seus primeiros passos, como que “jogada”.⁵² Em uma análise que retoma as especificidades do jogo desde as culturas “primitivas” até o século XX, este historiador se propõe a seguinte problemática: como na transição do século XVIII para o XIX o lúdico passa a ocupar um lugar secundário na cultura. Segundo ele, no século XIX, as grandes correntes de pensamento eram adversas ao fator lúdico na vida social. A ciência analítica e experimental, a filosofia, o reformismo, a igreja e o estado neste século revestiram-se da mais extrema seriedade, de modo que nunca se levou uma época tão a sério. Diante disso, a cultura deixou de ter alguma coisa a ver com o jogo.

Além dessa perspectiva diacrônica, Huizinga debruça-se sobre o problema do jogo a partir de um recorte sincrônico. Durante todo o livro, ele busca descobrir como o elemento lúdico está presente em várias esferas da atuação humana como na guerra, na poesia, no direito, no conhecimento e etc. Para tanto, ele parte da perspectiva de que o jogo não exclui a seriedade e nem o ritual e pode se estender mesmo àquelas atividades consideradas

⁵¹ GOMBRICH, E. Op.cit. p. 141.

⁵² HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Op. cit. p. 53.

extremamente sérias. Essa idéia esta muito próxima da identificação platônica entre o jogo e o sagrado.

É relevante lembrar que para Huizinga o elemento lúdico é essencial para a constituição da civilização, um princípio vital. Ao apontar para uma ruptura entre o século XVIII e sua ludicidade, Huizinga está assinalando que o espírito lúdico na sociedade contemporânea está sendo perdido ou colocado de tal forma em segundo plano que vem perdendo suas características essenciais. E a perda do elemento lúdico assinalou, pra Huizinga, no século XX, o fim da verdadeira civilização, uma vez que para essa existir de forma autêntica, o que não é o caso na cultura contemporânea, era necessário que o lúdico estivesse imbuído das normas prescritas pela razão, pela humanidade e pela fé.

O relevo maior dado à questão da fé nesse livro é resultado de uma reflexão já existente nas suas outras obras em que o problema metafísico é tomado como fundo imprescindível da cultura. Para Huizinga, o homem só poderia resolver o dilema, até então insolúvel, porém fundamental, dos limites entre o jogo e a seriedade, baseando sua consciência moral no reconhecimento da justiça e da graça. Só a piedade poderia transcender as questões em que as distinções intelectuais falham. Assim sendo, somente um regresso aos valores estabelecidos pela tradição poderia resgatar o homem dessa caminhada cega para o abismo.⁵³

CONCLUSÃO

Esse grupo de obras apresentado como fonte para a reflexão sobre os escritos críticos de Huizinga sobre a cultura contemporânea, entenda-se, *Espirito norteamericano*, *Nas sombras do amanhã* e *Homo Ludens*, remete a uma unidade em sua problemática: ele é

produto da reflexão comum de Huizinga sobre a cultura de seu próprio tempo e o esforço deste em extrair de uma vida de estudos quais seriam as condições e os valores fundamentais que deveriam estar presentes quando se trata do fenômeno da cultura. Através dessas obras, Huizinga lança uma crítica ácida aos rumos que a civilização ocidental havia tomado em seu tempo. Palavras como “demência”, “enfermidade”, “desastre”, “ruína” fazem parte do discurso crítico deste historiador, marcado como estava pela consciência de um iminente declínio ameaçador que assolaria a “pobre Europa”.

Em suma, a inflexão na trajetória intelectual de Huizinga pode ser analisada a partir da cristalização de certos elementos que, por mais que estivessem difusos em toda a sua obra, encontram seu ponto maior de expressão nessa segunda fase da produção huizinguiana. Esses elementos estão ligados às noções de tradição, de valores universais e de verdades transcendentais que devem ser preservados para a manutenção da cultura e, por conseguinte, da própria civilização. Para preservar esses elementos o homem deveria desejar uma vida de harmonia e concórdia e principalmente abandonar o próprio ego em nome de servir a comunidade a que pertence. A construção da crítica à cultura contemporânea foi o instrumento empregado por Huizinga para atuar num mundo em que ele via a beira do colapso. Era sua forma de levantar a voz para as atrocidades de uma política sem moral e de uma moral a serviço de interesses mesquinhos. Era imperativo para ele chamar à razão o homem que ingenuamente caminhava para o precipício e que sem perceber possuía o antídoto contra a sua própria cegueira, a tradição de uma cultura baseada na fé, na justiça e na verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOER, W. Prefazione all'edizione italiana. IN: HUIZINGA, J. **Le immagini della storia**. Torino: Giulio Einaudi editore, 1993. p. XIII-XLV.

⁵³ Ibid., p. 235- 236.

BOUWSMA, W.J. The Wanning of Middle Ages by Johan Huizinga. **Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences**, vol. 103, n. 1, p.35-43, winter, 1973.

BURCKHARDT, J. **A Cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **Reflexões sobre a História**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d.

CANTIMORI, D. Nelle ombre del domani. IN: HUIZINGA, J. **La crisi della civiltà**. Torino: Giulio Einaudi, 1962.p. VII-XXXIV.

_____. Johan Huizinga. **Los historiadores y la historia**. Edições Península, 1985, p. 221-238.

CHABOD, F. **Storia dell'idea d'Europa**. Bari-Roma: Economica Laterza, 1961.

CLARK, G.N. Preface by Erasmus of Rotterdam. IN: HUIZINGA, J. **Erasmus of Rotterdam**. London: Phaidon Press LTD, 1952. p.VII-X.

FERNANDES, C.S. **O jovem Burckhardt e a “Civilização do Renascimento na Itália”**. Dissertação de mestrado em história, UNICAMP. Campinas, 1998.

GALE, T. Biography – Huizinga, Johan (1872-1945). IN: _____. **Contemporary Authors**. Digital document. January 1, 2004.

GATTO, L. Johan Huizinga e il suo “Autunno del Medioevo”. IN: HUIZINGA, J. **L'Autunno del Medioevo**. Roma: Grandi Tascabili Economici Newton, s/d. p.7-19.

GOMBRICH, E.H. La gran seriedad del juego: reflexiones sobre “Homo Ludens” de Johan Huizinga (1872-1945). IN: **Tributos: versão cultural de nossas tradições**. México: Fondo de Cultura Económica, s/d. p.139-161.

_____. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Gradiva, 1994.

HANOTOUX, G. Préface. IN: HUIZINGA, J. **Le Déclin du moyen age**. Paris: Petite Bibliothèque Payot, s/d. p.5-9.

HOSELITZ, B.F. Introduction. IN: HUIZINGA, J. **Men and Ideas: History, the Middle Ages, the Renaissance**. Nova York: Meridian Books, Inc., 1959. p.9-14.

HUIZINGA, J. **El concepto de la Historia e outros ensayos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

_____. **Erasmus**. Barcelona: Ediciones del Zodíaco, 1946.

_____. **Homo Ludens**. O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5ª ed. 2001.

_____. **L'uomo e la cultura**. Firenze: La Nuova Italia, 1948.

_____. **Men and Ideas: History, the Middle Ages, the Renaissance**. Nova York: Meridian Books, Inc., 1959.

_____. **Nas sombras do amanhã**. Diagnóstico da enfermidade espiritual do nosso tempo.Coimbra: Ed. Armênio Amado, 1944.

_____. **O Declínio da Idade Média**. Lisboa: Ed. Ulisseia, 2ª ed. s/d.

_____. **Sobre el estado actual de la Ciencia Histórica**: cuatro conferencias. Tucuman: Ed. Cervantes, s/d.

KAEGI, W. L'opera storica di Johan Huizinga. IN: _____. **Meditazioni storiche**. Bari: Editori Laterza, 1960.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990
_____. **O Maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 243-253.

MARCEL, G. Préface. IN: HUIZINGA, J. **Incertitudes: essai de diagnostic du mal don't souffre notre temps**. Paris: Librairie de Médicis, 1939.

PAULA, J.A. Lembrar Huizinga. **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte, vol. 15, n. 1, p.141-148, jan/abril. 2005.

PETERS, E.; SIMONS, W.P. The New Huizinga and the Old Middle Ages. **Review Speculum**, vol.74, p. 587-620, 1999.

SHAW, D.G. Huizinga's Timeliness. **History and Theory**. Vol.37, nº2, p.245-258, 1998.

STERN, F. Historical Conceptualization: Johan Huizinga. IN: _____. **The Varieties of History: from Voltaire to present**. Cleveland and New York: Meridian Books, 9ª ed. 1963. p. 289-303.

TÉTART, P. **Pequena História dos Historiadores**. Bauru: EDUSC, 2000.